

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

ASSIGNATURA

Em Ovar (anno) 15000 reis
 Com estampilha (anno) 13200 reis
 Para fóra do reino accresce o porte do correio.
 Anunciam-se obras litterarias remetendo-se dois exemplares
 Redacção e Administração—R. da Graça, OVAR

Director e Proprietario

AMADEU PEIXOTO PINTO LEITE

Composição e impressão—Typ. do OVARENSE
 —* Rua da Graça—OVAR *—

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal, a 60 reis a linha, largura d'uma columna
 Anuncios e communicados, 50 reis; repetições 25 reis
 Anuncios permanentes, contracto especial
 Os srs. assignantes tem o abatimento de 25 por cento
 Preço de cada jornal avulso 20 reis

Em poucas palavras

Ferrer

Morreu em nome da lei. Causou muitas dezenas de mortes e com as suas doutrinas trazia vivo fermento de desordem inquietadora no seio da sociedade. Por isso foi julgado e condemnado á morte.

Desde que o fuzilaram, ha oito dias, têm corrido nos jornaes dia a dia as mais enconradas opiniões sobre a pena de morte e sobre a culpabilidade do espingardiado.

Para nós, na nossa opinião de leitores de gazetas, Ferrer devia ser posto fóra da sociedade, que elle pretendeu aniquilar.

Era incompativel com ella. Devia ser lançado para longe da sua vizinhança, privado do seu convívio.

Pela morte? pela reclusão perpetua? pelo exilio?

Por qualquer meio devia a sociedade isolar-se de tão formidavel inimigo.

Elle prégava contra Deus, contra a patria e contra a lei.

Nem Deus, nem lei, nem patrial dizia.

Era assim tambem que fallariam as feras, se falla tivessem, ou os anjos, se podessem ser impios.

O homem não, porque não logra toda a perfeição angelica, nem, sendo mais do que ellas, deve aspirar ao viver selvatico das feras.

E era este o progresso a que Ferrer ia entregar a humanidade com o magisterio das suas doutrinas. Foi o que se viu em Barcelona, durante a semana tragica: homens convertidos em hienas; o ser humano afiando as garras; o ente racional guiado pelo instinto da carnical...

Morto, exilado ou recluso, eis o que Ferrer devia ser.

O instinto da conservação aconselhava uma d'estas coisas á sociedade. A lei hespanhola mandou-o fuzilar?

Nada temos com isso e por tanto limitar-nos-hemos, por unico commentario aquella disposição do codigo, a repetir o que escreveu um jornal francez:

«Nenhuma palavra de imprecção, nenhuma phrase de censura deve ser proferida a respeito dos juizes que pronunciaram a sentença, do governo que a ratificou, do rei que a deixou executar, do povo que assume a sua responsabilidade.

Existe este principio inviolavel: cada nação tem o direito de fazer leis que a governem e pode applical-as livremente. (V. Matin, de 14-10-909)».

Entre a sociedade é que Fer-

rer não devia de permanecer nem mais uma hora.

O sr. Lourenço Medeiros attribue, no «Jornal d'Ovar», a morte de Ferrer aos jesuitas.

Tem o sr. Medeiros muita razão. Mas elles fizeram mais, muito mais: foram os instigadores da barcelonada. Aquelles marotos roubaram, incendiaram e mataram pobres barcelonezes sem dó nem piedade! não instigaram sómente.

E tenha o sr. Medeiros cautella, senão elles algum dia estripam-n'o... pela cova do ladrão! Cuidado!

Pelo menos não largue d'olho esse... que traz escarranchado no nariz! Não vá elle astrever-se...

E mais abaixo exclama o sr. Medeiros: «A sociedade já não precisa de frades. Abaixo os conventos.»

Mas precisa-se de Medeiros, e então: acima o sr. Medeiros! Até dá riso o que nos conta. Ora basta que sim...

O «Ex-Progresso»

Diz o «Jornal d'Ovar» com boa piada:

«Ora o «Regenerador Liberal» que esteve vai-não-vai, a ser «Progresso...»

Ao ler isto toda a população em pezo d'Ovar atracou as mãos ás ilhargas para não rebentar com riso. E na verdade...

Aquelle demonio sempre tem cada graça, quando se refere ao «Regenerador Liberal» que a gente anda logo a tombos!

Aquillo em piada fina é capaz de passar as palhetas ao outro... que morreu a pensar! Safa!

Continua o dito «Jornal»:... «o «ex-Progresso» nasceu com o insulto nos labios—o insulto baixo, desbragado e infame.»

O «Jornal d'Ovar» não intende o que lê ou diz coisas que com os vinagres lhe sóbem á cabeça.

E' facil compulsar a collecção do «Regenerador Liberal», porque apenas consta de 6 numeros, contando com este.

Queira, pois o «Jornal» citar-nos ahi os «insultos baixos, desbragados e infames» que temos editado.

Cite-os a fim de vermos o que é que o «Jornal» chama insultos.

Mas no entanto veja o que o «Jornal» disse no ultimo numero, dos seus adversarios. Ahi vai o que o «Jornal» lhes chama: «toupeiras, gazetilheiros,

testa-de-ferro, hypocritas, intrujõesitos, arremettedores quixotescos, almas mesquinhas, intriguistas miseraveis, insultadores baixos, desbragados e infames, calumniadores, perfidos insinuadores, creaturas de baba nos labios acostumados á mentira, alcoviteiro, ignorantes, velhacos, etc., etc.»

Isto escreve-o e repete-o o «Jornal» n'um bem redigido e melhor pensado escripto de columna e pico.

Obra tão assejada que agente ao lel-o pergunta naturalmente com espanto naturalissimo: «Então as regateiras tambem escrevem no «Jornal d'Ovar?!...»

Os republicanos

Andam furiosos com a execução de Ferrer. E fallam muito em sentimentos humanitarios, civilisação, etc.

Mas como é que só agora á morte do terrivel anarquista gastam tamanho luxo de sentimentalismo?

Por ventura já antes de Ferrer não tinha havido fusilamentos de seus complices, em Montjuich? Mas, como eram os pequenos, os desprotegidos, os pobres, que pagavam com a vida a sua temeraria aventura, os republicanos guardavam silencio. Deixar morrer a canalha!

Agora com Ferrer o caso é outro. Sempre era um homem que morria!

A pena de morte repugnallhes... agora que se trata d'um criminoso anarquista.

Porém, quando assassinaram D. Carlos e seu innocente filho, o regosijo republicano não pôde ser mais completo.

Até sobre as campas dos assassinos fôram depôr corôas de saudade e expargir regaçadadas de flôres!...

Oh! os sentimentos humanitarios d'esta gentel!...

VERDADES

Certaines lois, sont bien l'œuvre exclusive du sexe fort, preoccupé de ses faiblesses probables.

(M.^{me} Staël)

O seculo actual, intitulado o seculo das luzes e da civilisação, apresenta-se-nos, ao despontar, com uma chaga gangrenosa de difficil cicatrisação.

A moral parece ter cedido o logar que de direito lhe compete no seio da sociedade, fa-

zendo-se substituir pela sua inimiga, a licença, que, com um desaforo nunca visto, tantas e tantas victimas está fazendo em todas as camadas sociaes.

Raro é o dia em que os periodicos nos não deem a noticia de scenas indecorosas que encham de nausea as almas sãs e de revolta os corações justos.

E' da mocidade das escolas e dos lyceus que sae essa coorte de *desregrados*; na maioria jovens inexperientes, ávidos de gozos e sensações novas, mercê d'uma educação livre em demasia, que, a ajuizar pelos tristes resultados que já agora está produzindo, funestas consequencias trará, indubitavelmente, para as gerações futuras do nosso querido Portugal, bem digno de melhor sorte.

Por toda a parte se ouvem vozes pedindo instrucção, porém poucas vezes se elevam para exigir educação. E comtudo é na educação que está a base mais solida e forte d'uma instrucção completa.

A mocidade não será jámais justa e digna, possua, embora, a instrucção mais requintada, se a educação que na infancia lhe deram foi ligeira e solta.

A creança d'hoje não poderá ser o homem perfeito d'amanhã, se no seio da familia lhe não incutiram os sãos principios moraes, unicos capazes d'obstar á derrocada que ameaça as gerações vindouras.

As camadas populares ressentem-se immenso d'este mal; são mais infelizes do que as outras.

Para estes desgraçados nem educação, sequer, houve; adquiriram um conjuncto de conhecimentos materiaes que põem em pratica, ainda na infancia, sem saberem ao menos que existem leis e regras moraes que, mais que quaesquer outras, concorrem para a felicidade humana sobre a terra.

A vida da fabrica e das officinas é uma vida licenciosa que, por commum e habitual, nenhuma impressão causa já sobre as consciencias que se dizem justas e os corações que se imaginam rectos.

Os patrões veem nos operarios apenas um meio de ganhar dinheiro; consideram-nos como machinas que devem ser conservadas com maior ou menor cuidado, segundo o trabalho que fazem é mais ou menos importante, mais ou menos lucrativo.

O operario, cançado de trabalhar, gasta as poucas horas vagas, não em educar-se e instruir-se, mas em gozar e distrair-se.

Busca por este modo illudir-se, procurando tornar menos sensivel a diferença que existe entre a sua condição de proletario mesquinho e a de poderoso argentario.

Não possuindo, porém, uma noção exacta dos *deveres do homem*, permite-se todas as liberdades, entregando-se á devassidão e á libertinagem. Facil lhe é encontrar os meios para a realisação dos seus desejos: no pessoal feminino operario, existe, infelizmente, em demasia, e, d'este modo se vae formando uma descendencia de degenerados que, por sua vez, obrarão como seus paes.

Note-se, porém, que o exemplo vem quasi sempre das camadas mais altas e muitas vezes até, os proprios patrões valem-se da sua ascendencia, para commetterem as maiores atrocidades.

A lei parece ceder perante esta serie interminavel de crimes, levando-nos a crer a dura verdade da phrase de M.^{me} Staël por nós citada no começo d'este artigo.

Não raro se nos depara o espectáculo de uma pobre mulher que perante a sociedade é acusada do crime de infanticidio.

Condemna-se a desgraçada, sem ao menos nos lembrarmos de que não é ella a unica culpada do crime que commetteu.

A consciencia humana revolta-se contra esta injustiça que faz cahir sobre o sexo indefeso a culpa inteira d'uma falta na qual ella apenas teve parte.

O seductor continuará impune (mormento se for rico e poderoso) realisando, continuamente as suas façanhas que amanhã levarão de novo ao tribunal mais alguma infeliz, que se viu ante o espectro cruel da fome e da necessidade, obrigada a ceder ás exigencias d'um devasso, sendo por elle compellida á pratica d'uma acção infame.

Compreende-se que depois procure libertar-se do fructo d'uma má acção que nem paixão foi, mas apenas necessidade.

Longe de nós defendermos aqui o *filicidio*; apenas temos em vista clamar bem alto contra esses catões da justiça que veem em todas as desgraçadas *megêras* dignas do rigorismo da lei, ao passo que o homem pode continuar praticando toda a casta de immoralidades, sem receio de ser attingido pelo castigo.

Puna-se deveras, a serio e com rigor a mulher que quer fugir aos seus deveres de mãe, mas não haja piedade nem compaixão para com o homem que a arrastou até á beira do precipicio.

Um Lisboaeta.

Ao "Jornal d'Ovar"

Socegue d'esses nervos!

Olhe que até parece que está sendo victima de terriveis accessos de furia!

Se tem razão appreça-nos com ella, sr. n.º, senhor de si. F. He como quem a tem e não como quem pretende convencer o auditorio a seu favor só por berrar muito alto e dizer nos seus feios ao adversario.

reija: estimaremos muito que o «Jornal» esteja illudido de quanto para ali se tem dito.

Não pretendemos de forma alguma vel-o manchado com a nota de desleal, de falbo de sinceridade nas suas campanhas de... moralidade e lega-

lidade, nem levemente deshonrado com alguns pingos... de cera, que se lhe pegassem ás... unhas.

Ora vamos. Conversemos então, posto isto, e mostre-se-nos menos fera e mais... homem.

Começa o «Jornal» no seu ultimo n.º, sob o titulo de «*questão á parte*», por dizer que nós caluniamos. Isto é facil de dizer... a um furioso, mas um homem cheio de serenidade e senhor de si, não se atreveria a tanto.

Porque? Porque o primeiro, como só barafesta e com isso se contém; e o segundo não aventura affirmação ou negação, que não possa provar.

Ora o «Jornal» como... furioso affirma, affirma sempre, mas não prova nada.

Senão, vejamos.

Em que é que o «Jornal» nos aponta *calunniando*?

Diz elle que n'isto: em termos escripto que corria por ahi um boato sobre «a questão de cera.»

E querem ver como o «Jornal» prova o nosso delicto?

Ouçam, é elle que vai fallar: «Mente (o Regenerador Liberal) quando affirma que tal boato correu em publico, pois é certo que elle apenas passou da bocca do director salesiano para a redacção do «Ex-Progresso» e d'ahi para o bico da penna do articulista infeliz, que a nossos olhos não passa, como já lh'o dissemos, d'um pobre *testa de ferro*.»

É mais abaixo, acrescenta n'uma inconsciencia, que só a furia de que está sendo victima, explica: «Mas diz a verdade, talvez mesmo sem o querer, quando affirma que tal boato principiou a correr (mas só *em familia*) quando rompemos o fogo contra os salesianos.»

Então? em que ficamos?

O boato correu só entre o pobre rabiscador d'estas linhas e a redacção, ou tambem entre a familia?

Mas isto são contradicções em que facilmente cabe um... furioso.

Agora querem saber a que familia se refere o «Jornal»? Elle não o diz claramente, mas aquelle gripho em que elle escreveu a palavra familia leva-nos a conjecturar, que se trata dos associados de S. Francisco de Sales.

Ora, n'esta villa, ha talvez mais de 500 associados espalhados por toda a freguezia!

Agora diga-nos o «Jornal» se um boato, que correu entre familia tão numerosa e espalhada, é ou não um boato... publico?

E se tal boato foi publico, diga-nos onde está então a nossa calumnia? a nossa mentira?

Vê? como um... furioso affirma coisas que até sem querer desmente? Está por terra, pois, a sua affirmativa.

E note: estamos-nos servindo de elementos que nos forneceu. A nossa defeza é extrahida das suas proprias affirmações. E' preciso que veja bem isto, a fim de não vir outra vez em... furia, dizer que os nossos argumentos são calumnias.

O «Jornal» depois de mostrar que não mentimos nem caluniamos, mimoseia-nos com nomes feios e chama-nos *testa de ferro*.

Estamos habilitados a dizer-lhe que não somos testa sómente; somos tambem pernas, braços, barriga, peito, etc. E tudo isto, póde crer sob nossa palavra d'honra, não é de ferro: é carne e osso.

Não nos calunnie o «Jornal», por tanto.

Permitta o «Jornal» que lhe digamos, aqui n'um quasi á parte, a fim de melhor nos ouvir, que o director salesiano nada nos disse nem á redacção d'este jornal,—que nos conste—a respeito da cera.

Ouvimol-o, o que aqui dissemos, ahi ao povo; da massa anonyma o soubemos.

Está o «Jornal» mal informado, pois, ou disse o que lhe veio á cabeça...

E assim errou ou mentiu. Escolha.

Quanto á questão da cera deslinda-a o «Jornal» d'esta forma:

«Essa festividade (a dos Passos, no anno corrente) reduziu-se ás ceremonias costumadas adentro da igreja, pois que a procissão, devido ao tempo, apenas percorreu o pequeno trajecto da igreja ao Calvario. Claro está, toda a gente o sabe, que a despesa da cera n'aquella festividade é feita sómente na igreja e respectivas capellas, nenhuma outra se gastando com a procissão, e não ser a insignificante quantia do aluguer.

Pois não querem saber os nossos leitores o que espalhou *em familia*, já se sabe, o director salesiano, que á data da referida festividade era tambem juiz da Irmandade dos Passos?

— Nem mais nem menos do que isto:

Que a despesa da cera fôra illegal, pois não se tinha realisado a solemnidade costumada em vista de não o permittir o mau tempo.

Mas agora o melhor:

Affirma isto o homem que tinha sancionado com a sua assignatura o mandado, auctorisando aquella despesa que se fez adentro da igreja e nas capellas dos Passos exactamente como nos annos anteriores!!»

Aqui está o que diz o «Jornal» sobre a questão da cera.

De tudo isto se deduz:

1.º Que, apesar de, ou visto não ter sahido a procissão pelas ruas do costume, se gastou tanto em cera como nos outros annos, menos a «insignificante quantia do aluguer.»

2.º Que o Juiz da Irmandade achou «illegal a despesa da cera.»

3.º Que, apesar d'isso, assignou o mandado de pagamento.

Ora, uma vez que o juiz achou *illegal* a despesa da cera e apesar d'isso assignou o mandado, responde-nos o «Jornal», se quizer,—isto para honra sua a fim de tudo ficar esclarecido:

1.º A despesa apresentada da cera foi igual á dos annos em que sahio a procissão? Fez-se o desconto do aluguel, que se não realisou?

2.º O Juiz assignou espontaneamente o mandado de despesa que chamou illegal? Assignou-o para que se fizesse o pagamento ou já depois d'esse estar feito?

Se o «Jornal» nos responder a estas perguntas de forma a não deixar a minima suspeita sobre a sua dignidade no assumpto, nós aqui nos comprometemos a declarar tão peremptoriamente quanto nos fôr possivel, que o «Jornal» tem sido infamemente calunniado.

E para que não suponha que são ociosas as nossas perguntas, ahi vai o que temos ouvido dizer sobre o caso:

1.º Diz-se que fôra apresentada conta de cera igual á dos annos em que sahia a procissão e se fazia a festa com toda a solemnidade, quando se queimou muito menos;

2.º que fôra contra isto que se revoltára o juiz dos Passos;

3.º que essa conta fôra paga sem mandado;

4.º que o mandado fôra apresentado á assignatura do juiz já depois de

feito o pagamento;

5.º que o juiz o assignou obrigado por um pedido a que não soube resistir;

6.º que, se assim foi, se tornou conivente n'um acto que o deshonra, por não velar como lhe competia pelos dinheiros da Irmandade;

7.º que o director de Sales fôra posto fôra de Juiz dos Passos por não ter assignado o mandado sem reluctancia;

8.º que o «Jornal» um tanto enojado com esta incommoda *caturrice* pretenderá igualmente dar-lhe más noites, tocando-lhe nas meninas dos olhos: a obra de S. Francisco de Sales

Por ultimo desembesta o «Jornal» contra nós n'uma crise medonha... de nervos, furia ou quê, por termos notado e estranhado, que só passados 5 annos levante a 4.ª campanha contra *um mal* que já existe ahi ha talvez dez annos. Porque é que só agora atacava a associação de Sales? perguntavamos nós.

O «Jornal» dá-nos em resposta: que só um «ignorante» ou um «velhaco» usaria de tal pergunta.

Visto que nos fal para favor de nos propôr tal dilemma, aproveitamos, para nos espetar, a ponta que nos serve: a ignorancia.

Effectivamente ignoramos qual o motivo por que o «Jornal» só agora se atirou á associação de Sales e a fazer quadras á *nabiça*.

Ha-de haver algum motivo; nós ignoramol-o, o «Jornal» sabe-o: queira então elucidar-nos.

Vê? que mansidão a nossa? até parece que lhe estamos a... fazer o pedido ao ouvido, baixa, dóce, suavemente.

E' p'ra ver se o «Jornal» socega d'essa... epilepsia terrivel e não se enfurece mais.

Isto é, se se começar a espinhar muito, tambem de cá se lhe falla... e grosso.

Não pense lá que o havemos de estar sempre a tratar com branduras e atenções, ouvindo-lhe bonacheiramente as catilnarias sem logica, nexo, nem razão.

Quando no n.º passado respondemos ao «Jornal», fizemol-o constrangidos e de maneira a merecer-lhe uma resposta em condições de não ser preciso voltarmos ao assumpto, uma resposta sensata, apenas referente ao caso e não visando a pessoas.

Desejavamos não gastar nem mais uma pennada a respeito d'essa *ma-gna questão de Sales*.

E' que não temos nada com isso; depois convencemo-nos, tarde é verdade, de que estas luctas são apaixonadissimas de parte a parte e de que nos seus effectos serão meramente by-santinas.

Tomar parte n'ellas, pois, afigurase-nos uma loucura e um desperdicio.

Mas o «Jornal» não nos quiz poupar á ingloria tarefa, agredindo-nos, ou pretendendo-o, em vez de tratar da questão sem attender a pessoas.

Pois bem. Caminhe lá e ver-nos-ha pela frente em todos os campos, onde lhe aprouver chamar-nos a terreiro.

A violencia dos seus golpes é que ha-de ser medida para graduarmos os nossos.

Consta-nos que o director de Sales não gostou de que para aqui trouxessimos a... nota da cera.

Tenha paciencia; não fica mal a ninguem fazer exame de consciencia e reconhecer as proprias faltas.

E a sua d'agora está em consentir que se espalhasse um boato que, verdadeiro ou falso, nada o recommenda.

A fama, seja de quem fôr, deve merecer-nos todo o respeito.
E quando o bôsto começou, devia o director em questão desmentil-o immediatamente, se elle representava uma calúnia, ou explical-o e gemer um constricto *peccavi*, se o que n'el-le se dizia era a expressão da verdade.
Justiça havemos de fazel-a a todos e a verdade, conforme a temos na consciencia, havemos de dizel-a sempre com desassombro, dôa a quem doer.

Embora nos vão accusar ao bispo.

E, sr. «Jornal d'Ovar», até á sua resposta.

HORAS D'OCIO

N.º 4

A e B são duas terras, que distam uma da outra 187^m.5 servidas respectivamente, de uma para a outra, por diligencias automoveis, que partem á mesma hora, e que no trajecto só teem uma paragem, que é no momento em que se encontram.
Uma vendedeira de fructas e refrescos, quer saber para um certo dia de festa, em que o que sahe de A, leva a velocidade de 35, e o outro a de 40, a que distancia de A se deve collocar, para ao mesmo tempo fazer a venda aos passageiros dos dois carros.

Resposta ao n.º 3:

A irmã tem 7 annos.

Figueira, 909

M. E.

A sorrir

Alguns jornaes receberam postaes anonymos, etc.

Que grandissimo canudo
Por estes sertões d'Ovar,
Ha-de um homem ficar mudo
Quando devia fallar.

Dizem que a lei d'imprensa
Amordaça a liberdade,
Mas Ovar mette na prensa
A quem quizer fallar verdade.

O povo é mexeriqueiro,
Só gosta de ver intriga,
E assim n'este so'lheiro
A imprensa é uma espiga.

Meia duzia de jornaes,
Sete duzias d'escriptores
A berrar como pardaes,
A's orelhas dos leitores...

Se não fosse a grande tactica
Em que prima o revisor
De remendar a grammatica
A tanto escrevinhador.

Causariam taes jornaes
Nauseas e dôres de barriga
Ao ver tantos estendaes
Em prosa e verso sem liga.

Perguntae, por vosso mal
A um redactor arguto
Como se faz um jornal,
E dir-vos-ha n'um minuto:

«C'uma phrase de taverna,
Uns versos alambicados,
Uma prosa arte-moderna,
Além dos communicados.»

E esta materia prima
Posta em typos garrafaes
E' qualquer cousa que rima
Com dez tostões annuaes.

E por isso estão com dôres
E lhes causa comichões
O criterio dos leitores,
Na lei das devoluções...

Frei Lucas.

ECHOS

«O Norte» diario republicano do Porto, em artigo de fundo:

Solução provavel—Na conferencia que o dr. Brito Camacho realisou em Lisboa sobre a questão social, e que temos com a attenção que é devida á intelligencia e ao caracter do seu auctor, este disse, finalizando, que era necessaria a união de todos para se evitar «a catastrophe que se approxima e que a muitos já se affigura irremediavel. Tem razão o illustre deputado republicano em aconselhar a união de todas as energias,—mas parece-nos que perde o seu tempo, tão distanciados andamos do verdadeiro caminho, do unico caminho que poderia levar-nos a uma solução normal e desejavel.

Palavras justas.

A catastrophe existe desde o regicidio e não ha nada que ponha um dique ao estado de anarchia de uma insignificante parcella do povo Portuguez que lê os jornaes revolucionarios da côr. O nosso operariado mais entusiasta, já vae tendo juizo, porque já descrê das palavras falsas que lhes dirigiam os actores comicos palradores.

Falla-se muito n'uma *entente* republicano-Henriquista para as proximas eleições—se não estiverem os Velhenarios no poder.—E' justo que assim seja, porque lá se entendem e cumprimentam. Quem não está bem na Monarchia por falta de pá-pa, vae-se á espera de coisa melhor.

Com certeza, o partido progressista da nossa terra, d'esta vez vae á vella.

CONTOS DA SEMANA

Historia d'um conto

II

(Continuação)

Eram uma vez, pois o bem que para mim vier fique comigo, e o mal vá para quem o buscar; como ja dizendo, eram uma vez dois compadres, um rico e outro pobre. O rico chamava-se o sr. João; e o pobre, simplesmente Joanico.

O rico tinha mais gordura que um cevado, pelo que a gente do bairro chamava-lhe João Botija; fallava de rijo, como o sino grande da igreja; no andar batia os pés com força, como quem anda no que é seu; rara vez se descobria, ainda que todos os chapéus se lhe abaixassem quando ia passando; fumava charuto e vivia n'umas casas suas, com cancella e com fonte no pateo.

O pobre, parecia que as carochas o chupavam de noite: fallava de man-

so, como campainha rachada; andava nas pontas dos pés, como quem pisa no alheio; sempre de chapéu na mão, e ninguém cuidava de responder-lhe ás saudações; fumava pontas de cigarro, a vivia n'um casebre que fizera fóra do povoado.

O sr. João Botija cantava repimpado n'uma poltrona, depois de ter comido por um regimento:

Fumar, comer, beber,
E' cá de gente fina
O pobre que trabalha,
Ou dê contra uma esquina.

O Joanico cantava, tomando á porta do seu casebre uma ração de sol, enquanto esgravatava os dentes com o cabo da colher:

O homem que nasce pobre
Com o frio é comparado;
Todos se desviam d'elle,
Não lhes pegue o refriado.

João Botija tinha mulher, e Joanico tambem tinha a sua. A do rico era alta e magra; de rosto amarello como vela de sebo; de poucas palavras e ainda menos caridade. A do pobre era baixa, gorducha, buliçosa, capaz de armar uma peça ao demo e de dar sota e az ao mais pintado: chamava-se Catharina, mas tratavam-n'a pela «Chata», porque tinha os narizes em conversação com as sobranceiras. Já dorme, menino?... O caso é que um dia a sr.^a Catharina, a Chata, que andava, como o outro que diz, com fome de cão, pôz o lenço na cabeça e o chale pelos hombros, apurou a sua labia e foi pedir por caridade a seu compadre João Botija que lhe dêsse com que semear um quintalinho.

O sr. João Botija era um agarrado, como o outro que, se lhe não batiam no cotovello, não abria a mão; e por mais que a pobre comadre gemeu e chorou, só conseguiu d'elle que lhe atirasse com um vintem á cara, dizendo-lhe:

— Chata barata, nariz de gata, toma um vintem e compra batata. Chata barata!

Mas a Chata não era para estas graças, que tinha má ventá; deu-lhe um salto no corpo a soberba, e berrou mais queimada que a bucha d'um morteiro:

— Sempre o sr. é muito atrevido! Guarde o seu vintem no escaninho para ferrar gaitas; e não chame de nomes á gente. Ouviu?... Ora o diacho do empanturrado, que parece uma melancia com tações! Até fica mal tratar-se por *senhô* João! Botija é que elle é, Botija e mais Botija.

Assim grasinando e resmungando, com o chale descabido para traz, virou as costas e tornou pelos mesmos passos, toda affrontada, arejando-se com o avental. A' porta do casebre estava Joanico, sentado, observando uns pardaes que andavam a tourear a pouca distancia d'elle, dando picadas n'uma rodellinha de cenoura, que brilhava ao sol. Quando viu chegar sua mulher tão fala e suffocada, disse-lhe com pachorra, mas em tom de remoque:

— Bem te dizia eu, bem te dizia eu que não pegavam as bichas. Tiraste tanto fructo como o preto do sermão: cabeça quente e pés frios.

— Que dizias tu, João Lanas?— respingou a Chata, que tinha vontade de alterar.— E que fructo tiras tu, que serves só para encher uma cadeira e despejar um prato?

— Eu nem cadeiras encho, nem despejo pratos, porque não tenho pratos nem cadeiras.

— E a culpa de quem é, grande calaceiro? Eu sempre a matar-me para o ganhar; e você, para se não dar ao trabalho, nem os beiços lambe, quando os tem secos!

— Tu gostas de ladrar; mas olha que eu sei morder. Se não podes com a vida, enforca-te; e não me azoines os ouvidos.

— Não eston para isso. Quero fallar, que tenho razão. Comigo não has-de tu levantar a grimpa.

— Levanto-te mas é... esses queixos com um sopapo.

— A mim?! Ora espera... E sem esperar vae a desesperada Catharina, pega n'um pucaro e dá com elle na cabeça do marido (salvo seja).

(Continua)

BOLETIM ELEGANTE

Partiu para Sobrosa com demora d'algumas semanas o sr. Amadeu Peixoto, director do «Regenerador-Liberal».

— Encontra-se em Lisboa o sr. Conselheiro João Franco.

— Em Barcellos o sr. dr. Luiz Novaes, irmão do sr. conselheiro José Novaes.

— Com destino á Africa Occidental partiu para Lisboa o sr. Augusto Hermogenes Ramos, filho do nosso amigo Manoel Henriques Ramos.

— Teve no Pará a sua «delivrance» a esposa do nosso amigo sr. Francisco Lopes da Silva. O neophito recebeu o nome de Apricio.

— Fazem annos amanhã os srs. Joaquim Correia Dias, Herminia Augusta de Pinho e Almeida Ramos Alho.

— Partiram para Coimbra os distinctos academicos Antonio Zagallo dos Santos e Antonio Gonçalves Santhiago.

Noticias

Aos srs. assignantes

A'quelles que não receberam o numero 5 do nosso jornal, pedimes desculpa. Essa falta deve-se a não terem chegado os exemplares que extrahimos.

Estão dadas providencias para que de futuro se não volte a repetir o caso.

D. Luiz I

Passou a 19 do corrente o vigesimo anniversario da sua morte.

Carteira de Vallega

Retirou para Coimbra, acompanhado de sua esposa e filho, o sr. José Maria Marques d'Oliveira Reis, laureado alumno do 4.º anno de direito.

— Despedimo-nos ha pouco do nosso amigo dedicado sr. Manoel Marques Ferreira da Silva, da vizinha freguezia de Pardilhó, que partiu para Roma afim de frequentar a Universidade Gregoriana.

— Recolheram a Aveiro os classificados alumnos do mesmo Lyceu srs. João Valente da Fonseca e irmão, Antonio Lopes Rodrigues e Jayme Rodrigues Braga.

— Já começaram os trabalhos para a Avenida, que parte do Largo da Igreja para o nascente.

P.

Plácido Augusto Veiga

Proprietario da Typ. Ovarense.



TELHA DE OVAR

(1)

Os preços da telha d'esta fabrica actualmente, tanto na fabrica, como no case da Ribeira, ou em wagon na Estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.ª 21\$000—2.ª 16\$000—3.ª 13\$500 reis

Isto sem desconto algum. Fabrica Largo do Martyr.

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor



PROPRIETARIOS:

Peixoto, Ribeiro & C.ª

Uma visita á (2)
PHOTOGRAPHIA CARVALHO

R. do Passeio Alegre, 27 e 29

—* ESPINHO *—

Todos os trabalhos photographicos
Retratos em porcellana
Retratos coloridos a oleo, aguarella e pastel
Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim
Miniaturas a oleo para medalhas, e que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidades, etc., etc. Officina mechanica de cartoneagem photographica moderna.
Ampliações e reproduções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados.

Preços sem competencia

ESPIGARDAS DE CAÇA
(3) E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, tornando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a Casa LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possível encontrar uma unica espingarda igual ás que esta vende.

Chegou tambem o sortimento de Cartuchos de caça e para tiro aos pom-bos—Accessorios de caça e pesca

Prana «Sparklets»
Vibrador «Varno»
Sorveteiras
etc., etc., etc.

Casa Lino

40—Praça de D. Pedro—41

(4) Agua do Barreiro

Cura radicalmente a «anemia», a «chlorose», as «doenças de estomago» e «menstruações difíceis»

Deposito em OVAR: Viuva de SILVA CERVEIRA.

PAPEIS PARA FERRAR CASAS

(5) Das principaes fabricas estrangeiras, acaba de receber um variado e importante sortido ao deposito da fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha

178—Rua de Santo Antonio—180

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

Vidraria S. Bento (6)

— de —

MANOEL ALVES BARBOSA

Praça Almeida Garrett, 20

—* PORTO *—

Especialidade em christaes, vidrarias diferentes, porcelanas, candieiros, louças estrangeiras e nacionaes e uma infinidade d'artigos pertencentes a este ramo.

Baguetes, caixilhos, espelhos, etc.

(8) **Histogeno Llopis** Unico medicamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitales da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da

Tuberculose Diabetes Anemia Neurasthenia

e doenças consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á tuberculose. O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis. Precaver «contra os productos similares» que na pratica tem demonstrado se alteram, produzindo effeitos contrarios e prejudiciaes á saude.

Peça-se sempre o HISTOGENO LLOPIS unico que cura, unico inalteravel.

Para a cura da DIABETES preparamos o Histogeno anti-diabetico, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos ao tratamento

Formas do HISTOGENO LLOPIS: Histogeno liquido; Histogeno granulado; Histogeno anti-diabetico. Preço do HISTOGENO: Frasco grande 1\$000 reis; frasco pequeno, gratis aos pobres dos Dispensarios.

Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representante geral em Portugal a Medicinal Drogaria, de Antonio Cerqueira da Motta e C.ª, successor de Santos Caria e Sobrinhos, rua Mousinho da Silveira 115, Porto. Em Lisboa C. Mabony do Amaral, rua de El-rei, 73 2.º

(9) ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E DEPOSITO DE GARRAFÕES

MARQUES & ARAUJO

— LIMITADA —

—* Vendas por junto e a retalho *—

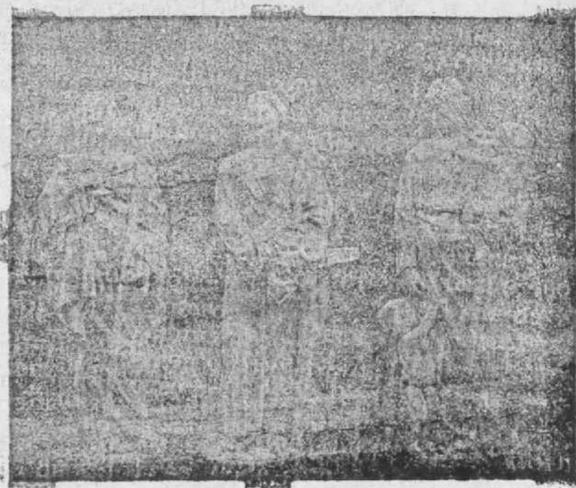
Rua de S. João n.º 44 a 45—PORTO (Telephone n.º 616)

(10) DENTISTA MECHANICO

Candido Henriques da Silva

Executa todos os trabalhos de Proteze dentaria, colloca dentes desde 1\$000 a 3\$500 reis cada sem o incommodo da peça vulcanisada. Trabalhos garantidos e perfectos.

Ovar, Largo dos Campos, Ovar



AZULEJOS

José Pereira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR N.ºS 414 A 134

—VILLA NOVA DE GAYA—

DEVEZAS



Telephone, 279

Endereço telegraphico «Azulejos»

Louça para uso domestico em faianga e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo.

Fabrico especial em azulejo fino a rivalizar com o melhor estrangeiro

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo logar
Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos (7)

